

Vou-me embora pra Pasárgada, poema de Manuel Bandeira, na perspectiva da Análise de Discurso: a memória em versos

I'm leaving for Pasargada, poem by Manuel Bandeira, from the perspective of Discourse Analysis: memory in verses

Maria Deusa Brito de Sousa Apinagé

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Janete Silva dos Santos

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Andreia Nascimento Carmo

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Maria Deusa Brito de Sousa Apinagé

Doutoranda em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT (2023). Professora da Educação Básica pela Secretaria de Educação e Cultura do Tocantins - SEDUC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5119-1383> Contato: mariadeusaapinage@seduc.to.gov.br

Janete Silva dos Santos

Doutora em Linguística Aplicada pela Unicamp (2010). Professora Doutora Associada II - UFNT. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-2823-6114> Contato: janetesantos@uft.edu.br

Andreia Nascimento Carmo

Doutora em Letras: Ensino de Língua e Literatura pela Universidade Federal do Norte do Tocantins - UFNT (2022). Professora da Educação Básica pela Secretaria de Educação e Cultura do Tocantins - SEDUC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7627-4911> Contato: andreiacarmo@professor.to.gov.br

RESUMO

Neste artigo, analisamos o poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira. Para tanto, sob a perspectiva da Análise de Discurso de linha francesa, preconizada por Michel Pêcheux e inicialmente desenvolvida, no Brasil, por Eni Orlandi (AD), mobilizaremos, entre outras, as noções teóricas de sujeito, formação discursiva e condições de produção de discurso com o objetivo de compreender o funcionamento da memória discursiva que permeia o referido poema, a partir da compreensão do funcionamento da formação discursiva capitalista. Dessa forma, almejamos alçar uma contribuição da teoria discursiva no processo de produção de sentidos frente a uma materialidade significativa pertencente ao campo literário.

PALAVRAS-CHAVE

Análise de Discurso. Texto Literário. Memória discursiva. Formação discursiva capitalista

ABSTRACT

In this article, we analyze the poem I'm leaving for Pasargada, by Manuel Bandeira. Therefore, from the perspective of French Discourse Analysis, advocated by Michel Pêcheux initially developed, in Brazil, by Eni Orlandi (AD), we will mobilize, among others, the theoretical notions about subject, discursive formation and conditions of discourse production with the objective of understanding the functioning of the discursive memory that permeates in the aforementioned poem, from the understanding of the functioning of the capitalist discursive formation. In this way, we aim to raise a

Recebido em:
14/10/2022

Aceito em:
11/08/2023

SET / DEZ 2023
ISSN 2317-9945 (ON-LINE)
ISSN 0103-6858
P. 14-28

contribution of discursive theory in the process of producing meanings in the face of a significant materiality belonging to the literary field.

KEYWORDS

Discourse Analysis. Literary Text. Discursive memory. Capitalist discursive formation

1. Introdução

Vivemos em uma sociedade capitalista, ou seja, uma sociedade centrada no lucro e no acúmulo de riquezas, que valoriza a propriedade privada dos meios de produção e leva à concentração de poder. O acúmulo de riquezas e a concentração de poder criam um imaginário de felicidade e de liberdade conquistada com a aquisição de bens materiais e dos desejos de domínio sobre o outro.

A busca desenfreada pela conquista de riqueza e de poder, bem como a ilusão da felicidade e da liberdade como consequência dessa busca, gera uma sociedade carregada de problemas psicológicos e emocionais. Inúmeras pessoas arriscam-se e se deslocam do seu lugar de origem na tentativa de alcançar uma vida perfeita. Diversos motivos podem estar associados a esses deslocamentos, entre eles, a busca por trabalho, melhor colocação profissional e melhores condições de vida.

Os sujeitos, interpelados pela ideologia da felicidade associada à apropriação de bens, procuram refúgio para as suas angústias no ato de consumir. Consomem freneticamente para atingir a felicidade e acabam por atender ao propósito do capitalismo na atualidade. Outra forma de consumo promove nos sujeitos um modo de escapar da realidade indesejada em que ele vive, trata-se da ficção acessada por meio de diversas tecnologias. Um exemplo relevante para se destacar é a literatura, cujas histórias, produzidas e consumidas a partir desse campo, podem manter os seus leitores em um plano alternativo para lidar com os conflitos tanto pessoais como sociais.

Ancoradas nos pressupostos teóricos oriundos da Análise de Discurso de linha francesa pecheuxtiana (AD), buscamos, neste artigo, discutir a noção de memória discursiva a partir do poema “Vou-me embora pra Pasárgada”, de Manuel Bandeira. À luz do que propõe a teoria, lançamos um outro olhar sobre essa noção, distanciando-nos do modo como comumente ela é abordada no campo literário, isto é, nele é vista como lembrança. Em outras palavras, a memória no campo literário pode ser vista como condição para propiciar a narrativa, pois é necessária para se contar o que se viveu e viver para contar do que se recorda, seja por meio de narrativas memorialistas lineares, como *Menino de Engenho*, de José Lins do Rêgo (para destacar obra do próprio contexto brasileiro), seja por meio de narrativas memorialistas não lineares, como ocorreu no Modernismo, a exemplo do clássico experimento de Oswald de Andrade em *Memórias Sentimentais de João Miramar*.

Ou seja, é a memória no sentido de recordações. Medeiros e Melo (2016, p. 177) destacam ainda que, no campo literário, “Narrar transforma-se em reinvenção, consciente e crítica, de histórias já contadas e que não podem ser destruídas sem com isto conduzir ao silêncio”. Vale destacar ainda que a perspectiva de memória no campo literário, em Walter Benjamin (1987),

ao falar do narrador, vai mobilizar o conceito de experiência (vivência do narrador) como condição ideal para se poder contar, narrar.

Assim, distinguindo o conceito de memória nos dois campos, o literário e o da AD (no campo literário, a memória é vista como consciente e individual; no campo da AD é concebida como social e histórica, ideologicamente regulada), e marcando nossa filiação teórica na AD, mostramos, por nosso gesto de leitura, a possibilidade de os sentidos serem outros. Ademais, entendemos que a leitura discursiva de um poema vai além de meras questões estruturais, de decodificações e de funcionamento. Ela atravessa a materialidade linguística e perpassa pela exterioridade, considerando a historicidade.

Nesse sentido, vale citar Orlandi (2015, p. 7), ao mencionar que a AD nos permite “problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem”. Ou seja, a AD nos permite entender que a linguagem é equívoca, não transparente e sem neutralidade. É a partir dessa perspectiva que realizamos o nosso exercício de análise, considerando o funcionamento da memória discursiva e da formação discursiva capitalista.

2. Incursão teórica

Na perspectiva discursiva materialista, as relações de interlocução se constituem em condições de produção específicas, que envolvem relações de forças e de poder. De modo geral, as condições de produção integram o sujeito, a situação e a memória (ORLANDI, 2015). Em sentido restrito, compreendemos a noção de sujeito como tomada de posição. Ser sujeito é assumir uma posição discursiva pela linguagem, considerando o lugar social que esse sujeito ocupa e a interpelação ideológica que o afeta em suas relações de produção-reprodução no âmbito da formação social capitalista. Essa interpelação se dá pela filiação do sujeito em determinadas formações discursivas, que representam as formações ideológicas em que ele se inscreve. Nessa esteira, a ideologia é um artifício que faz trabalhar as diferenças nas práxis entre as classes sociais.

Em dada conjuntura estabelecida pelo estado de luta de classes, pela definição clássica preconizada por Michel Pêcheux (2014 [1975], p. 147), as formações discursivas “determina[m] o que pode e deve ser dito” no interior daquilo que já foi instituído pela memória discursiva em um jogo de repetições discursivas. Esse jogo decorre da relação entre os sujeitos que ocupam lugares sociais distintos, dada a sua inscrição em determinados aparelhos ideológicos. A partir dessa compreensão, salientamos que no processo de formulação do discurso, pelo funcionamento do esquecimento¹ número um, o sujeito tem a ilusão de ser a origem do que diz e “aciona” pela memória discursiva dizeres realizados anteriormente. Temos aí um modo de a memória discursiva funcionar: pela retomada dos sentidos de forma inconsciente/pré-consciente. Esses sentidos são regularizados de maneira que instauram uma memória social, que põe em circulação efeitos de sen-

1 Tratamos do esquecimento não como falta de memória, mas referimos aos esquecimentos ideológico e enunciativo. Cf. PÊCHEUX (2014 [1975]).

tido instituídos sócio, histórica e ideologicamente, isto é, constituem-se os processos discursivos em uma inter-relação entre interlocutores inseridos em dadas práxis sociais. Cabe-nos ressaltar que o estatuto dessa regularização pode ser ressignificado, na medida em que ocorre uma quebra na repetição, promovendo um deslizamento de sentidos. Nesse aspecto, de acordo com os apontamentos de Pêcheux (2015 [1983]):

a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os “implícitos” (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (PÊCHEUX, 2015 [1983], p. 46).

Com base no excerto acima, compreendemos que os sentidos não estão prontos e acabados dentro de uma memória discursiva específica. Os sentidos são latentes, isso implica dizer que eles sempre podem ser outros. É importante sublinhar que, para a Análise de Discurso, a linguagem é opaca, portanto, os sentidos não são encontrados no fio discursivo tal qual podemos reformular os dizeres em seus aspectos literais; desse modo, o efeito de evidência decorre do trabalho da ideologia. A memória discursiva é constitutiva de uma rede maior, o interdiscurso. Este entendido, pelo viés da AD materialista, como tudo aquilo que já foi dito. Para Indursky (2011), todos os sentidos já produzidos acham-se no interdiscurso, ele é totalizante, não lacunar, a sua natureza é saturada.

Dessa forma, ao passo que o interdiscurso diz respeito a todos os sentidos produzidos e até esquecidos, a memória discursiva refere-se aos sentidos que são autorizados a ecoar em dada formação discursiva. Há uma imbricação entre memória e formação discursiva em que, ainda segundo Indursky (2011), se, por um lado, a memória discursiva, cuja ordem é ideológica, corresponde aos dizeres inscritos nas formações discursivas; por outro, as formações discursivas são reguladas pela memória que faz ressoar uma memória social. Assim, as formações discursivas representam, simultaneamente, a memória discursiva e as formações ideológicas.

No que diz respeito à formação ideológica, ela “constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’, mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras” (HAROCHE; HENRY; PÊCHEUX, 2008, p. 12, grifo do autor). Em outras palavras, as formações ideológicas abrangem uma ou mais formações discursivas. A inscrição dos sujeitos em determinadas formações discursivas demarca o posicionamento ideológico em que eles se filiam, pois é a ideologia que “representa a relação imaginária dos indivíduos com as suas condições reais de existência” (ALTHUSSER, 1985, p. 77).

Retomando a noção de sujeito, salientamos que a tomada de posição é uma injunção a interpretar. A interpretação é um gesto oriundo do efeito ideológico pelo qual esse sujeito foi interpelado. De acordo com Indursky (2020), interpretar é tomar posição. Isso abre vias para compreendermos que, no processo de interpretação, os sentidos produzidos sempre poderão ser outros a depender das condições de produção nas quais eles estão sendo constituídos. É indispensável a identificação dos sujeitos com os saberes

coletivos já produzidos – a memória discursiva – para que ele possa interpretar, isto é, assumir um posicionamento discursivo. Esse posicionamento é materializado pela linguagem na instância da interpelação do sujeito pela ideologia. Nesse balizamento, tomar posição, interpretar, ou seja, o assujeitamento, não é um trabalho consciente, mas uma tarefa ideológica.

A esse respeito, Orlandi (2015) explica que o sujeito tem a ilusão necessária da liberdade do dizer. Para a autora, ele é, concomitantemente, livre e submisso, tendo em vista que esse sujeito é responsável pelo que diz, porém, para dizer, é necessário subordinar-se à linguagem. Considerando que da nossa perspectiva a linguagem não é transparente, o efeito de neutralidade é ilusório. Nessa ilusão, o efeito de transparência, que reverbera em efeito de neutralidade e, assim, de “verdade” do dizer, institui o efeito de unidade na produção de sentidos. Em contrapartida, ao levarmos em conta a opacidade da linguagem temos a dispersão desses sentidos, que se constituem a partir das condições de produção dos discursos.

Cientes do jogo entre a unidade e a dispersão, faz-se pertinente abordarmos as noções de paráfrase e de polissemia, tendo em vista que o processo parafrástico está associado à maneira de articular a produção dos sentidos para a mesma direção (efeito de unidade), enquanto a polissemia abre espaço para a produção do “novo”, daquilo que não estaria exatamente previsto (dispersão dos sentidos). Segundo Orlandi (2015, p. 34), “a paráfrase representa assim o retorno aos mesmos espaços do dizer”, isto é, no processo parafrástico, (re)formula-se mais do mesmo, direciona-se para a estabilização dos sentidos. Ainda de acordo com a autora, na polissemia o que temos é o deslocamento, rupturas de processos de significação. Ela joga com o equívoco (ORLANDI, 2015, p. 34). A polissemia está voltada para a produção de sentidos múltiplos, em diversas direções.

É importante destacar que, no jogo entre paráfrase e polissemia, o lugar ocupado pelos sujeitos, outros dizeres já produzidos antes, o interdiscurso repercutem no modo como os sentidos estão sendo produzidos. Esse lugar que é social institui o dizer dos sujeitos e circunscreve uma relação de forças. Pelo lugar social dos sujeitos, determina-se o lugar discursivo do sujeito do dizer. Para Grigoletto (2005, p. 159-160), “o lugar social só se legitima pela prática discursiva, portanto pela inscrição do sujeito num lugar discursivo. E o lugar discursivo, por sua vez, só existe discursivamente porque há uma determinação do lugar social que impõe a sua inscrição em determinado discurso”. De acordo com a autora, o lugar discursivo não é sinônimo de posição discursiva, mas ele é materializado no discurso na tomada de posição do sujeito. Assim, do lugar social o sujeito ocupa um lugar discursivo e toma partido pela palavra, isto é, assume uma posição.

A produção do efeito de sentidos se dá de acordo com as circunstâncias em que os discursos estão sendo produzidos. Sendo assim, no trabalho analítico, o analista leva em consideração o lugar social e discursivo dos sujeitos, a sua posição discursiva, a situação de interlocução, as formações discursivas em que os sujeitos se inscrevem, a memória discursiva acionada. O lugar social dos sujeitos está circunscrito por regulamentações constituídas pelas instituições de poder. Com base em Althusser (1985), concebemos essas instituições como aparelhos ideológicos. Segundo o autor, os aparelhos ideológicos do Estado são designados como “um certo número de

realidades que se apresentam ao observador imediato sob forma de instituições distintas e especializadas” (ALTHUSSER, 1985, p. 68). Isso implica ressaltar que os dizeres estão inscritos no interior de aparelhos ideológicos determinados e, portanto, são regularizados institucionalmente. Ainda de acordo com Althusser (1985), todo aparelho ideológico trabalha para reproduzir as relações de exploração capitalista de uma forma própria, baseando-se em uma prática de subalternidade, na qual cada aparelho ideológico luta pelo poder.

Desse modo, apresentamos os nossos gestos de interpretação possíveis frente ao nosso *corpus* analítico, com o intuito de compreender como os sentidos estão sendo produzidos na e pela materialidade da linguagem, que tomamos para esta análise.

3. Análise discursiva do poema “Vou-me embora pra Pasárgada”

Vou-me Embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei

Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d’água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar

Vou-me embora pra Pasárgada
Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização

Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaloide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada
(BANDEIRA, 2020, p. 113).

Ao tomar como base as condições de produção do poema, consideremos o seu contexto imediato. O poema “Vou-me embora pra Pasárgada” foi publicado no livro *Libertinagem*, em 1930, de autoria do poeta modernista Manuel Bandeira. O movimento modernista é caracterizado pela escrita livre, criação libertadora e irreverência; apresenta uma proposta inovadora nas formas de manifestações artísticas e rompe com o tradicionalismo das escolas literárias anteriores, ressignificando a cultura brasileira. No caso do poema em análise, são retratadas as mazelas da sociedade em que vive o sujeito-enunciador, por esse motivo ele pretende buscar refúgio em um lugar idealizado que o nomeia de Pasárgada.

É interessante ressaltar o momento histórico pelo qual o Brasil passava nesse período. Manuel Bandeira faz parte da primeira geração do Modernismo e entra na segunda fase que vai de 1930 a 1945. Este período foi marcado por conflitos sociais e políticos, a saber, a Revolução de 1930 e a Revolução Constitucionalista de 1932 (durante a chamada Era Vargas), bem como a Segunda Guerra Mundial. Frente a esses acontecimentos, os escritores, pintores e artistas se despertaram para questionar, por meio de suas obras, a realidade e os problemas sociais. Diante dessas considerações, vemos a imbricação dos acontecimentos históricos com as condições de produção do discurso.

O lugar que Manuel Bandeira menciona, em seu poema, de fato existiu. Pasárgada, que quer dizer “campo dos persas”, foi uma cidade conhecida como a capital do Primeiro Império, construída pelo Imperador Ciro II. Vejamos, a seguir, as próprias palavras de Bandeira.

Foi o poema de mais longa gestação em toda a minha obra. Vi pela primeira vez esse nome de Pasárgada quando tinha os meus dezesseis anos e foi num autor grego (...) Esse nome de Pasárgada, que significa “campo dos persas”, suscitou na minha imaginação uma paisagem fabulosa, um país de delícias (...) mais de vinte anos depois, quando eu morava só na minha casa da Rua do Curvelo, num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo o que eu não tinha feito na minha vida por motivo da doença, saltou-me de súbito do subconsciente esse grito esta-

pafúrdio: 'Vou-me embora pra Pasárgada!' (CEREJA; MAGALHÃES, 1995, p. 329).

Como podemos nos certificar pela passagem anterior, o sujeito-enunciador menciona que o seu poema é oriundo da influência de uma leitura realizada por ele ainda na juventude. Neste ponto, destacamos como as leituras feitas pelos sujeitos interferem no modo como eles tomarão determinadas posições discursivas. Dada a incompletude do sujeito, há nele uma parte que o constitui que sempre será clivada e que, consciente ou inconscientemente, de algum modo ele procura completar. Andreia Nascimento Carmo (2021) nos explica que os leitores de literatura buscam nas histórias preencher esses espaços incompletos, tendo em vista que sempre há uma cisão no sujeito e a literatura se configura como um lugar de fuga. Nas palavras da autora: “[a] literatura, vista como uma forma de escapismo, surge como possibilidade de se chegar à completude” (CARMO, 2021, p. 241). A partir do texto literário institui-se uma relação entre o sujeito e as vivências do outro. Essa relação é possível pela interpelação ideológica em cujas formações discursivas representativas estejam inscritos o sujeito e o texto.

Segundo observamos pelos apontamentos de Cereja e Magalhães (1995), o sujeito-enunciador com a falta de ânimo recorre ao texto literário para tentar suprir a tristeza, voltar à esperança e projetar uma vida que ele acredita ser melhor do que a sua. Assim, ele confronta a insatisfação da sua vida, antecipando as novas relações sociais que almeja/acredita que terá em seu novo/futuro lugar social em Pasárgada, como podemos assinalar pela 1ª estrofe: “[v]ou-me embora pra Pasárgada/ Lá sou amigo do rei/ Lá tenho a mulher que eu quero/ Na cama que escolherei”. Direcionando-nos para o foco do nosso trabalho, ressaltamos que esse modo de o sujeito compreender a vida e de buscar a solução para tamponar aquilo que lhe falta está marcado pela relação de subalternidade entre as classes. Em outras palavras, trata-se de um sujeito inscrito em uma formação discursiva capitalista.

No que se refere às condições de produção no contexto mais amplo, é necessário ir além da materialidade linguística para compreendê-la em sua exterioridade, espaço em que o linguístico, o social, o histórico e o ideológico se inter-relacionam. Desse modo, compreendemos que o autor, Manuel Bandeira, ao produzir o poema, aciona uma memória de leituras e materializa por meio da linguagem as suas angústias. É interessante ressaltar que o sujeito-enunciador também faz isso no poema de forma pré-consciente, na medida em que ele assume o desejo de estar em um lugar que, ilusoriamente, seria melhor do que aquele em que ele se encontra. Afirmamos que esse é um efeito de ilusão do sujeito na instância do querer partir para um lugar em que ele mesmo não conhecia de fato, nem mesmo por descrição literária, visto que a sua vontade é que produz o que para ele seria perfeito em Pasárgada, de acordo com o que podemos notar pela seguinte passagem: “[e]sse nome de Pasárgada, que significa ‘campo dos persas’, suscitou na minha imaginação uma paisagem fabulosa, um país de delícias” (CEREJA; MAGALHÃES, 1995, p. 329).

Consideremos agora a formulação do poema, lugar onde a linguagem ganha vida.

Vou-me Embora pra Pasárgada

Vou-me embora pra Pasárgada
Lá sou amigo do rei
Lá tenho a mulher que eu quero
Na cama que escolherei [...]
(BANDEIRA, 2020, p. 113).

Logo no título do poema, bem como na primeira estrofe, o sujeito enuncia a sua partida do lugar onde ele está para Pasárgada, lugar onde ele imagina que terá uma vida boa e tudo ao seu alcance, por lá ser amigo do rei, uma voz de autoridade e de poder. Tendo em vista o contexto histórico em que este poema está inscrito, estamos compreendendo que este lugar de origem pode ser o Brasil. As discursividades que aparecem neste poema carregam consigo um imaginário que integra e corrobora a formação da sociedade brasileira e se reflete em nosso cotidiano. Há um imaginário de que sair do Brasil, principalmente com destino a países europeus, é uma decisão bem-sucedida e que transforma a vida financeira do migrante, vítima da pobreza e da desigualdade social.

Nessa circunscrição, remetemos à ideia de luta pelo poder nas relações institucionais. Isso por considerarmos que, na luta contra a desigualdade social, há um desejo do sujeito em se deslocar desse lugar de submissão para um lugar de resistência, e conseqüentemente, esse fato aponta para a luta entre sair do lugar de dominado para ocupar o lugar de dominador.

No que diz respeito aos termos da enunciação, temos o tempo marcado pela forma verbal (vou) que se refere ao futuro; o espaço (Pasárgada) e o sujeito (amigo do rei). Embora não fique definido quem é o sujeito-enunciador, podemos visualizar a imagem de uma pessoa importante e influente pelo fato de ser amigo do rei.

A marca de singularidade em todo o poema apresenta-se na voz desse sujeito pelo uso do pronome pessoal *eu*, que, embora nem sempre apareça de forma explícita, é determinado pela flexão dos verbos. No entanto, da nossa perspectiva teórica, esse sujeito representa uma coletividade cuja voz reflete um cenário social que abrange determinado grupo. Esse grupo pode ser formado por pessoas desempregadas e que estão em busca de trabalho, trabalhadores procurando melhor colocação profissional e melhores condições de vida.

Vejamos, a seguir, a análise da segunda estrofe do poema:

Vou-me embora pra Pasárgada
Vou-me embora pra Pasárgada
Aqui eu não sou feliz
Lá a existência é uma aventura
De tal modo inconsequente
Que Joana a Louca de Espanha
Rainha e falsa demente
Vem a ser contraparente
Da nora que nunca tive [...]
(BANDEIRA, 2020, p. 113).

Na segunda estrofe, o sujeito enfatiza a sua partida para Pasárgada e

declara a sua infelicidade no lugar onde vive “Aqui eu não sou feliz”. Os diferentes espaços são marcados pelos advérbios: (aqui) e (lá). O lá se refere a Pasárgada, seja um lugar real, seja um lugar imaginário. E o aqui? Refere-se a que lugar? Seria Recife, cidade natal do autor do poema? Seria o Brasil, nacionalidade de Manuel Bandeira? Essa busca constante pela felicidade nos objetos, nos lugares, nas riquezas, é a lógica da sociedade capitalista.

O sujeito parece querer buscar uma vida oposta à que ele vive. Ou seja, fugir da realidade e alcançar uma vida de aventura, conforme relata o quarto verso “[l]á a existência é uma aventura”. Essa fuga da realidade imperfeita em busca de um lugar perfeito é uma característica marcante nos textos dos autores modernistas e também da sociedade atual. A busca exacerbada pelos prazeres da vida estimula a angústia e amplia a sensação de incompletude.

Passemos agora para a análise da terceira estrofe:

E como farei ginástica
Andarei de bicicleta
Montarei em burro brabo
Subirei no pau-de-sebo
Tomarei banhos de mar!
E quando estiver cansado
Deito na beira do rio
Mando chamar a mãe-d’água
Pra me contar as histórias
Que no tempo de eu menino
Rosa vinha me contar [...]
(BANDEIRA, 2020, p. 113).

Em relação à terceira estrofe, o sujeito-enunciador descreve como será o seu cotidiano no lugar para onde vai. Ele aciona a memória discursiva e faz referência à sua infância. Ao que parece, o sujeito-enunciador sente saudades de sua infância, que é marcada por aventuras e histórias que Rosa lhe contava, daí faz associações com Pasárgada. Os versos que compõem essa estrofe evocam o desejo recorrente de ir embora e de reviver os tempos de menino. Esse desejo revela discursividades atravessadas por preceitos folclóricos (mando chamar a mãe-d’água) que mostram construções identitárias e socioculturais do sujeito retratado.

Analisemos, a seguir, a quarta estrofe do poema:

Vou-me embora pra Pasárgada
Em Pasárgada tem tudo
É outra civilização
Tem um processo seguro
De impedir a concepção
Tem telefone automático
Tem alcaolide à vontade
Tem prostitutas bonitas
Para a gente namorar [...]
(BANDEIRA, 2020, p. 113).

Na quarta estrofe, o sujeito-enunciador faz uma relação dos motivos pelos quais quer ir embora para Pasárgada. Toda a argumentação levan-

tada por ele, que reflete vozes/posições mobilizadas pela memória discursiva, mostra a sua insatisfação com o lugar em que mora e a esperança de uma vida cercada por prazeres e facilidades. Há, nos versos dessa estrofe, uma regularidade nas palavras. Essa regularidade a partir da palavra “tem” projeta a imagem de um lugar perfeito, completo, muito diferente do lugar onde ele vive, marcado pela ausência do que lhe proporciona o prazer. Há uma recorrência da afirmação como marca linguística atrelada ao esforço de convencer o leitor de que Pasárgada é um lugar maravilhoso para se viver “em Pasárgada tem tudo/ tem um processo seguro/ tem telefone automático/ tem alcaloide à vontade/ tem prostitutas bonitas”.

Nos versos dessa estrofe, o sujeito-enunciador destaca o valor que se atribui à felicidade na lógica capitalista e parece demonstrar a sua identificação pela Formação Discursiva Capitalista. Na constituição do sujeito discursivo e das formações discursivas nas quais ele está inscrito, apreendidas como interdiscursividades resultante do entrecruzamento entre a História, o desejo e o poder, temos nesse poema:

- a) Capitalismo tecnológico: Em Pasárgada tem tudo
- b) Religiosidade: Mando chamar a mãe-d’água
- c) Prazer: relacionamento entre homem e mulher

Vejamos a análise da última estrofe do poema:

E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito
Quando de noite me der
Vontade de me matar
— Lá sou amigo do rei —
Terei a mulher que eu quero
Na cama que escolherei
Vou-me embora pra Pasárgada
(BANDEIRA, 2020, p. 113).

Embora o sujeito-enunciador venha caracterizando Pasárgada como o lugar perfeito, na quinta e última estrofe, ele deixa escapar que lá também existe tristeza. Se Pasárgada também tem tristeza, por que o sujeito-enunciador quer ir para lá? Ao que parece, o lugar do outro é o melhor, é sempre lá onde o sujeito-enunciador não está que há solução para o seu desânimo. Aqui não há nada que represente uma solução, lá haverá uma saída, o sujeito-enunciador é influente, ele ressalta a relação de dominador que obterá em Pasárgada, inclusive com marcas de pontuação, usando os travessões no verso para destacar que é amigo do rei e, por isso, terá a mulher que quiser, na cama que escolher. Em outras palavras, em Pasárgada, o sujeito ocupa um lugar social que lhe concede poder para ter algo que supra a sua tristeza: uma mulher na cama, conforme ele desejar, o que destaca também discurso fortemente machista presente no poema. Neste ponto, reportamo-nos aos pré-construídos de que as mulheres devem ser submissas aos homens, realizar os seus desejos. Outra questão que podemos notabilizar nessa passagem é a referência a uma rede de memórias da prostituição fe-

minina. E isso aciona não apenas uma rede de memória da prostituição feminina, mas também da servidão feminina, se considerarmos que Pasárgada está ligada a “campo dos persas”, sintagma nominal cuja semântica remete a antigos povos do Oriente, em cuja cultura a mulher é despossuída de poder sobre si mesma, pois sua existência estava circunscrita apenas à necessidade de satisfazer o desejo dos homens e de procriar.

O sujeito-enunciador fez uma afirmação importante na primeira estrofe do poema e na última a reafirma: “[l]á sou amigo do rei”. Em outras palavras, se levarmos em consideração o processo parafrástico, o sujeito estava dizendo: “Lá eu tenho poder”, “Lá eu tenho tudo o que eu quero”, “Lá eu sou respeitado”. Partindo desse processo parafrástico, vimos outras possibilidades de não-ditos, mas que foram ditos, por meio deste enunciado, e o quanto eles significam na sociedade capitalista em que vivemos.

Se considerarmos, ainda, o efeito polissêmico, veremos as inúmeras possibilidades de sentido no que se refere a essa afirmação. Quem é ou quem seria esse amigo do rei?

- 1) Um político influente?
- 2) Um empresário renomado?
- 3) Um artista famoso?

Essas categorias de sujeito acima, implicadas em nosso gesto de interpretação, destacam que, na sociedade capitalista, as classes de maior prestígio social estão sempre mais próximas ao poder macroirradiado a partir do topo da pirâmide. A queixa do sujeito discursivo, no poema, por sua condição limitadora no momento (presente) de sua enunciação, projeta o imaginário de que “ser alguém” na sociedade, ter visibilidade social tem efeito de condição necessária para se ter desejos satisfeitos.

Na perspectiva do sujeito, a memória discursiva mobilizada reverbera sua relação com a felicidade. Ou seja, que o valor na sociedade capitalista, isto é, que a condição para ser feliz ou para se quebrar a tristeza, possível de acometer a qualquer ser humano (E quando eu estiver mais triste/Mas triste de não ter jeito [...] Lá sou amigo do rei/ Terei a mulher que quero/ Na cama que escolherei), não está disponível a classes populares nem ao cidadão comum. Daí que “lá”, onde uma mudança de classe social ocorre, favorecendo a relação com a classe de maior poder, é melhor que seu “aqui” e que seu “agora” da enunciação, onde sua identificação de pertencimento (formação imaginária) se inscreve numa classe social em desvantagem, que mobiliza efeito de vida enfadonha, entediante, limitadora (sem valor de mercado).

4. Considerações finais

O presente artigo oferece mais uma leitura, entre outras possíveis de serem produzidas, sobre um poema de grande circulação no país, desde sua publicação. Esta, porém, feita aqui a partir de uma teoria materialista da linguagem, com foco na ideologia capitalista, que constrói e reverbera imaginários mercadológicos (valor de troca) sobre o sujeito e sobre tudo que afeta esse

sujeito nela inserido e por ela constituído.

Apontamos no percurso como o poema aciona diferentes formações discursivas, dentre as quais evidenciamos algumas com detalhamento. E ainda destacamos, nesta última observação, a relação incômoda do sujeito discursivo com a lei, que tolhe, que limita, que responsabiliza, daí a aderência do sujeito discursivo a posições machistas (possíveis em todas as classes sociais como exercício de poder sobre a mulher [prática inaceitável em formação discursiva progressista]): “Vou-me embora pra Pasárgada/Aqui eu não sou feliz/Lá a existência é uma aventura/De tal modo inconsequente/Que...”, tais versos, como discursividades, mobilizam imaginário de que a felicidade tem relação não apenas com o possuir, mas com o que não está regrado, com o que não exige responsabilização (aventura inconsequente), relação com a liberdade quase absoluta (não total já que precisa ser amigo do rei para poder exercê-la), liberdade, porém, para o sujeito desejante da enunciação (Terei a mulher que quero/Na cama que escolherei), pois lá a mulher não escolhe, não tem voz nem vontade, é apenas objeto para satisfação do outro (o homem).

Podemos dizer, a partir da análise discursiva materialista do poema, que a felicidade, na sociedade capitalista, está atrelada a uma suposta liberdade, noção na qual se ancora e pela qual se dissemina largamente, na contemporaneidade, o ideário da meritocracia que permite escolhas, como se as condições de oportunidade fossem igualitárias para todos. Todavia, o embate ideológico estabelecido no poema já acusa essa impossibilidade, dada a relação entre o homem e a mulher em condições desiguais, pois apenas um (o homem) tem poder sobre o outro (a mulher), ou seja, a relação não é de parceria, de equidade, mas de dominação.

Assim, como memória discursiva mobilizada, liberdade, no poema, tem relação concomitante com o não regramento (ou com outro efeito de regramento), com a novidade e com a imprevisibilidade, esta, porém, sendo aquela que joga com o que surpreende (decorrente de surpresa que produz contentamento), não com o que frustra ou decepciona, afetos estes fartamente reinantes entre os despossuídos, entre os mais vulneráveis, entre quaisquer grupos que compõem as classes populares, que, por sua vez, constituem a base da pirâmide social. São desafios postos a seus integrantes, que não têm como recusá-los, quando impossibilitados de mobilidade social (que traz vantagem). No poema, esse processo (mobilidade social) aparece pulsante no conflito do sujeito discursivo, pela relação entre o seu “aqui” desagradável e o seu desejo de ir/estar “Lá [Pasárgada]”, lugar de realizações, mas também do desejo sempre inatingível, pois a felicidade não elimina a possibilidade de tristeza (e tristeza tamanha que até pode provocar desejo de suicídio) do sujeito desejante de completude na felicidade. Entretanto, “Lá”, a felicidade existe porque é possível driblar a tristeza mediante exercício de poder, pela pulsão, pelo que move a ideologia capitalista, isto é, pelo possuir: “E quando eu estiver mais triste/Mas triste de não ter jeito/Quando de noite me der/Vontade de me matar/Lá sou amigo do rei/Terei a mulher que quero/Na cama que escolherei.”

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado (AIE). 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BANDEIRA, Manuel. **Melhores poemas**. São Paulo: Global Editora, 2020.

BEJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. **In: Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura**. Obras escolhidas. v. 1. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987, p.197-221.

CARMO, Andreia, N. Leitura, [S. l.], n. 68, p. 238-249, 2021. DOI: 10.28998/2317-9945.2021v0n68p238-249. Disponível em: <https://seer.ufal.br/index.php/revistaleitura/article/view/9403>. Acesso em: 14 out. 2022.

CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. **Literatura brasileira**: 2º grau. São Paulo: Atual, 1995.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao discursivo: o imbricamento de diferentes posições sujeito. **In: Seminário de Estudos em Análise do Discurso UFRGS**, 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...**Porto Alegre: UFRGS, 2005, p. 154-164. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anais-dosead/2SEAD/SIMPOSIOS/EvandraGrigoletto.pdf>> . Acesso em: 06 out. 2022.

HAROCHE, Claudine; PÊCHEUX, Michel; HENRY, Paul. A semântica e o Corte Saussuriano: Língua, Linguagem, Discurso. **Linguagem**, v. 03. 2008, p. 1-19. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/linguasagem/edicao03/traducao.php>> . Acesso em: 06 out. 2022.

INDURSKY, Freda. A memória na cena do discurso. **In: INDURSKY, Freda; MITTMANN, Solange; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org). Memória e história na/da análise do discurso**. Campinas, SP: Mercado da Letras, 2011, p. 67-89.

INDURSKY, Freda. Entrevista com Freda Indursky. [Entrevista concedida a] Andréa Rodrigues. **Pensares em Revista**, São Gonçalo, n. 17, p. 18- 28, 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/pensaresemrevista/article/view/47301>. Acesso em: 14 out. 2022.

MEDEIROS, V, S; MELO, M, A. Naturalmente, um manuscrito. **In: Betina R. R. Cunha; Marcio A. de Melo; Natália C. e Silva (Org.). Narrativas do eu, narrativas do mundo, narrativas do narrar**. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia, v.1, 2016, p176-189.

ORLANDI, Eni. **Análise do Discurso**: Princípios e procedimentos. 12. ed. Campinas: Pontes Editores, 2015.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio.

Leitura

Nº 78 Ano 2023

5.ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2014 [1975].

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da memória**. Tradução: José Horta Nunes. 4. ed. Campinas/SP: Pontes Editores, 2015 [1983].